

Clube de Regatas Jaó: documentação, projeto e construção

José Artur D'Aló FROTA*, Eline Maria M. P. CAIXETA^a

* Doutor em Arquitetura (ETSAB-UPC, 1997) e Prof. Associado 2 (FAV-UFG)
Campus II - Samambaia, Caixa-Postal 131, CEP. 74001-970, Goiânia, GO / Brasil
arturfav@yahoo.com.br

^a Doutora em Arquitetura (ETSAB-UPC, 2001) e Profª. Adjunto 1 (FAV-UFG)
elinecaixeta@yahoo.com.br

Clube de Regatas Jaó: documentação, projeto e construção

José Artur D'Aló FROTA*, Eline Maria M. P. CAIXETA^a



Resumo

O acervo de arquitetura moderna em Goiânia abarca diferentes momentos inovadores no contexto urbano e arquitetônico brasileiro. Seu plano urbanístico, da década de 1930, surge de experiências europeias adaptadas às condições locais, tornando-se importante ponto de referência para novas gerações de arquitetos e urbanistas. A partir de 1950-70, a cidade expande seus limites, tornando-se lugar atrativo para jovens arquitetos e engenheiros provenientes principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Na década de 1960, a construção de Brasília influenciou a produção arquitetônica local, que procurou acompanhar o momento de consolidação da arquitetura moderna brasileira em suas interpretações regionais: a Escola Carioca e a Escola Paulista. Respondendo a esta vontade de renovação arquitetônica, é fundada em agosto de 1962, em Goiânia, o Clube de Regatas Jaó. Trata-se de um exemplar de arquitetura associado a Escola Carioca, ainda que independente de seu vocabulário mais dogmático, cuja sede social foi projetada pelo arquiteto Sérgio Bernardes. O empreendimento, realizado juntamente com a implantação de um novo bairro, o Setor Jaó, tinha o sentido de ser um passo na expansão da cidade e do lazer local. No projeto do Clube Jaó, Bernardes não foge do experimentalismo característico de sua obra, articulando os espaços funcionais por meio de uma malha complexa de elementos naturais e construídos. Manipula diferentes materiais e as possibilidades formais construtivas derivadas da arquitetura pavilhonar. Cria espaços que abrigam uma série de murais, telas e esculturas de importantes artistas locais, buscando o característico diálogo de síntese das artes da época. Esta comunicação pretende divulgar parte da rica documentação existente sobre o Clube a partir de uma narrativa crítica do edifício que enfoca a concepção do projeto e seu processo construtivo.

Palavras-Chave: História da Arquitetura e da Cidade, Cultura Arquitetônica, Arquitetura Moderna, Goiânia, Documentação e Preservação.

Abstract

The modern architecture in Goiania encompasses various innovative moments in Brazilian urban and architectural context. Its urban plan of the 1930s, comes from European experiences tailored to local conditions, making it an important reference point for new generations of architects and planners. From 1950-70, the city expands its boundaries, making it attractive place for young architects and engineers mainly from Sao Paulo, Rio de Janeiro and Belo Horizonte. In the 1960s, the construction of Brasilia influenced the local production, which sought to accompany the moment of consolidation of Brazilian modern architecture in their regionals interpretations: the Carioca School and the Paulista School. Responding to this desire for architectural renovation, is founded in August 1962, in Goiânia, the Clube de Regatas Jaó, a place to entertainment and an example of architecture associated with the Carioca School, while independent of its vocabulary more dogmatic. Designed by the architect Sérgio Bernardes, the project was conducted together with the development of a new neighborhood, the Setor Jaó. In the design of the Club Jaó, Bernardes had not escaped the experimentation, a important characteristic of his work, combining the functional spaces and a complex mesh of natural and constructed places. Manipulates different materials and the formal possibilities of the architecture derived of the pavillion type. Creates spaces that house a series of murals, paintings and sculptures of important local artists, seeking dialogue characteristic of synthesis of the arts of the time. This communication intends to disclose part of the rich literature on the Club, from a critical narrative of the building that focuses on the design of the project and its construction process.

Palavras-Chave: History of Architecture and City, Architectural Culture, Modern Architecture, Goiânia, Documentation and Preservation.

1. O clube como programa apto à experimentação formal

A partir da década de 1930, a vida social brasileira passa por um processo de renovação, em parte resultado do desenvolvimento econômico associado a política progressista do Estado Novo. Dentre os programas que permitem expressar as qualidades formais de uma arquitetura compromissada com o "novo", estará o *Clube Social*. De natureza intrinsecamente aberta e heterogênea, seus programas funcionais serão explorados tectonicamente como objetos passíveis de uma plástica livre, permitindo a exploração simbólica das relações da arquitetura com o lugar, criando um implícito vínculo com o "regional", característica explorada em diversos projetos já nas décadas de 1930-40.

Neste sentido, o programa Clube Social, Yate Club, Country Clube etc, aparece com frequência nas publicações locais ou mesmo internacionais. Em 1935, um dos primeiros exemplares da Revista PDF publica um "Clube Eportivo", projeto do então pouco conhecido Oscar Niemeyer. Em 1942 Niemeyer projeta no conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, o "Yacht Club". O "Yacht Club Fluminense", datado de 1945, permite a Oscar retornar ao tema. Nesta sequência, Sérgio Bernardes, ainda estudante, projeta um "Country Club" no Rio, publicado na revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, em 1947.

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela modernização industrial do país. Este período de sedimentação de processos anteriores, se reflete na renovação social e cultural da sociedade. Os marcos anteriores, como o edifício do MES, Pampulha e um conjunto de obras referenciais amplamente divulgadas, então solidamente estabelecidos, desembocando em Brasília.

A relação de Sérgio Bernardes com este contexto foi relativamente "marginal" e, em boa parte, autônoma. Sua biografia revela um arquiteto inquieto e desbravador, que atua com intensidade, associado a uma clientela particular expressiva. *Bon vivant*, ele não se adequava ao perfil do intelectual engajado, mas participa de um momento de pesquisa material e formal profunda, que aparece em determinados programas típicos. Nestas arquiteturas experimentais, que segundo alguns críticos estariam ligadas a uma vertente mais "regionalista", a articulação entre edifício e paisagem é presença constante e marcante na sua obra. (SEGRE, 2002)

É dentro deste contexto que surge o projeto para o Clube de Regatas Jaó. Obra pouco conhecida de Sérgio Bernardes, revela um significativo momento de pesquisa material e formal que compõe a trajetória eclética do arquiteto, demonstrando a coerência de suas ações projetivas. O projeto, de grande envergadura, reflete também outra face de uma arquitetura brasileira menos dependente do vocabulário dogmático do chamado Grupo Carioca.

2. O Clube de Regatas Jaó



Fig. 1: “O Sol Nº 1” Informativo do Clube de Regatas JAÓ, Goiânia, novembro de 1962

O Clube de Regatas Jaó, localizado às margens do Rio Meia Ponte junto à represa do Jaó, foi criado em 1962 pelo empresário Ubirajara Berocan Leite, com o apoio do Governo Estadual, como “um passo de expansão ao turismo” local, tendo em vista a magnitude do empreendimento e sua excepcional localização.

A área de alargamento da represa do rio Meia Ponte já estava prevista nos projetos de Atílio Corrêa Lima (1933-5) e Armando de Godoy (1936-7). Segundo as determinações destes projetos, ela seria composta por uma *park-way*, que contornaria todo o perímetro da área alagada, e um loteamento "cuidadosamente estudado, com a valorização da paisagem e com construções rústicas e casas de campo", além de clubes náuticos, a exemplo da lagoa da Pampulha, de Belo Horizonte; devendo ser preservada em função das condições de saneamento, saúde pública e salubridade. (RIBEIRO, 2004, p. 75)

Esta área, onde posteriormente se instalou o Clube Jaó e um bairro do mesmo nome¹, era constituída por um bosque de exuberante vegetação –o Bosque Babaçu– cortado pelo córrego Jaó –ave que deu nome ao clube e ao bairro– e cuja nascente localiza-se a 1.300 m de distância. A Usina Hidroelétrica e Represa do Jaó era, na época (década de 1960), responsável pelo abastecimento de energia da cidade e proporcionava a prática de barco, esqui, lancha e remo. Goiânia, então, contava com vinte e nove anos de idade.

Neste período, surgem uma série de outros novos clubes: o Clube Balneário Meia Ponte (1960-62) e o Country Clube de Goiás (1960-64), ambos projeto do arquiteto Eurico Godoy²; o Clube Caiçara (c. 1962), projeto Ulpiano Muniz³; o Automóvel Clube de

¹ A urbanização do Setor Jaó foi realizada na mesma época da construção do Clube.

² Eurico Calixto Godoy, arquiteto graduado pela Universidade do Brasil, em 1951, foi um dos

Goiás (final de 1962), projeto de Elder Rocha Lima⁴; e ainda, o Clube Social Feminino (c.1958-62); o Goiânia Tênis Clube (1960-); o Clube Oásis (c.1962-) e o Clube Cruzeiro do Sul (1962-68), a maioria deles localizada em zonas suburbanas e com características marcantes do clube campestre.⁵

O Jóquei Clube de Goiás, fundado em 1938, era, até então, o único clube da cidade. Localizado no centro urbano, próximo ao Teatro Goiânia, ele ocupava uma área de 26 mil m² e sua sede era composta por um sobrado eclético, uma piscina olímpica com trampolim e um bosque.⁶ Grande parte da vida social girava em torno deste clube que, juntamente com a Rua 20, compõe um dos espaços mais representativos na memória coletiva dos pioneiros da cidade. (cf. LIMA & MACHADO, 2007) A sede dos novos clubes envolvia amplos programas, edifícios modernos e ocupavam uma área total bem maior que a do, então, Jóquei Clube.

A área inicial do Clube de Regatas Jaó abrangia 110 mil m², com 6.000 metros de área coberta e “decoração da mais alta categoria”, segundo crônica da época⁷. (O SOL, 1962, p.1) Como parte integrante desta decoração se inclui, inicialmente, quatro murais, dois painéis e uma escultura; obras de importantes artistas da época: Frei Confaloni, D. J. Oliveira e Ana Maria Pacheco.⁸

Para seu fundador, o Clube contribuiria para “favorecer o homem em sua formação física, moral e cultural, no sentido de recuperar as energias, amenizar a parte negativa da vida e na formação de novos ambientes de alegria e bem estar”. (BEROCAN, s/d) Concebido como clube campestre, o empreendimento foi dividido em duas grandes áreas: uma destinada para adultos e outra para crianças. Estas áreas, separadas de forma cenográfica pelo desnível do terreno, eram autosuficientes. Possuíam toda infraestrutura necessária para as atividades de cada faixa etária. A primeira, composta pelo

primeiros arquitetos de fomação moderna a atuar em Goiânia.

³ Ulpiano Muniz, arquiteto mineiro, oriundo de Belo Horizonte.

⁴ Elder Rocha Lima, oriundo da cidade de Goiás, formou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, em 1956.

⁵ Segundo pesquisa realizada no Arquivo Histórico de Goiânia, jornal O Popular, 1958, 1960-62 e 1970.

⁶ Este panorama de renovação dos espaços sociais da capital, somado à criação de dois novos Jóquei Clubes, o de Brasília e o de Anápolis, ambos em 1960, originou o concurso (fechado) e, posteriormente, a demolição da antiga sede do Jóquei Clube de Goiânia e a construção de um novo edifício, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, em 1962.

⁷ Com a desativação da barragem da usina hidrolétrica, em meados da década de 1970, a área do clube ampliou-se para 440 mil m² entre área verde e construída, contando com os lagos. A nascente do córrego Jaó, sob proteção do Clube, hoje é a única não poluída do perímetro urbano da cidade.

⁸ Segundo Márcia Metram, em *Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia* (1996), Nazareno Confaloni foi fundador da Escola Goiana de Belas Artes, em 1952, que teve importante papel na difusão da arte moderna no Estado. D. J. Oliveira, pintor paulista formado pela Fundação Armando Álvares Penteado, foi professor da E.G.B.A. de 1961 a 1967. Ana Maria Pacheco, escultora, pintora e gravadora –ex aluna da Escola–, chegou a dirigir a Norwich School of Art, em Norfolk, na Inglaterra.

estacionamento, a área social, administrativa e esportiva; possuía em sua área coberta, além dos ambientes de apoio, um grande hall de distribuição, com 200 m² que dividia a área administrativa da área social e as ligava à área esportiva (quadras e piscinas); um salão social com 1.100 m² previsto para festas, shows e eventos; uma biblioteca e o chamado "Cassino", localizado em edificação separada.⁹ (O SOL, 1967) Já a segunda, composta pelo clube infantil, incluía em seu programa áreas cobertas e áreas de recreação aberta. O projeto aproveitou as águas do córrego Jaó, para formar espelhos d'água, cascatas e bicas que permeiam ao longo do clube.¹⁰

3. Documentação, projeto e construção

Um importante legado do Clube Jaó, hoje, está contido na documentação cuidadosamente preservada das etapas de sua criação: desde seu lançamento comercial, suas fases de construção, as comemorações para a sua inauguração, alcançando as ampliações posteriores até os dias de hoje. O Setor de Comunicações do Clube guarda a "memória" não só de suas atividades sociais, mas também revela a importância dada a história de sua construção em todos os sentidos: seja como paisagem e espaço físico, seja como espaço social do cotidiano. Os arquivos são, na sua maior parte, fotográficos. Porém existem indícios que o setor de obras do Clube possua documentação técnica do projeto e de sua construção. Tais evidências ainda não estão confirmadas na medida em que a pesquisa está em fase inicial de implementação.



Figs. 2 e 3: Sérgio Bernardes, em visita ao local e na residência de Berocan Leite. Final de 1962.

As imagens que compõem o arquivo do Clube ilustram os primeiros contatos feitos com o

⁹ A área externa desta parte do clube possui quatro piscinas, dois vestiários subterrâneos, duas quadras de vôlei, duas quadras de peteca, seis quadras de tênis, duas quadras de basquete, duas quadras de futsal e três campos de futebol society.

¹⁰ Possui em sua área coberta lanchonete, berçário, vestiários e salão de festas; e em sua área externa piscinas infantis, quadras de basquete, vôlei e futsal infantil, além de dois campos de areia (futebol, vôlei e peteca) e dois play-grounds. A documentação existente contabiliza as seguintes áreas inicialmente construídas: 4.830 m² de lagos ornamentais, 4 fontes luminosas, 10 repuchos ornamentais e 2 lagos para pescaria.

arquiteto, que datam de 1962 e 1963, época das primeiras reuniões para a sua criação, na residência de Ubirajara Berocan Leite, situada então na rua 82 do Setor Sul. O projeto se desenvolveu durante o ano de 1962, iniciando-se a construção em 1963. Esta foi concluída em 1968, sendo que a segunda etapa da obra, o clube infantil – denominado Jaózinho–, foi entregue em 1969. (BEROCAN, s/d)¹¹ Todo o processo de projeto e construção foi amplamente documentado, o que revela a importância dada ao projeto e à obra, em sua época.



Figs. 4 e 5: Clube Jaó: inauguração da primeira fase (1968) e na década de 1970.

O registro fotográfico (cinco álbuns ao total, entre projeto e construção) e documental, realizado através da revista do Clube, O SOL, possibilita hoje conhecer profundamente todo o processo de projeto e construção do edifício, bem como seus primeiros anos de vida.¹²

Estes álbuns aportam um conjunto de imagens que revelam as características da paisagem ímpar do local escolhido, permitindo uma análise da evolução urbana daquela região de Goiânia desde o início da década de 1960. Também são testemunho documental do desenvolvimento de uma obra de grandes proporções, conectada aos anseios sociais de parte da comunidade goiana da época, permitindo o constante acesso, devidamente controlado, ao local e às obras. As imagens revelam também o intuito de catalogação, constituindo-se em um apurado registro dos materiais, das técnicas e dos sistemas construtivos utilizados então.

¹¹ Segundo estes documentos, “dezessete técnicos participaram do projeto e da construção do clube: Eng. Mafredo Hoffman (levantamento topográfico); Eng. Ronaldo do Vertis (cálculo de concreto de estrutura); Eng. Oton Nascimento (terraplanagem); Eng. Júlio X. Rangel (sondagem); Eng. Eusébio Matoso (estrutura do telhado); Eng. Eduardo Calia (fiscalização da cobertura); Eng. Darci Ribeiro (cobertura de cimento amianto); Eng. João Yano (ferragem espacial); Eng. Fuad e Homar Rassi (estrutura de piscinas e vestiários); Eng. Camilo Nasser (tratamento de água); Eng. Declieux C. Filho e Eng. Urildo de Alcântara (projeto hidráulico e elétrico); Arq. Ariel da Costa Campos (projeto dos interiores e projetos complementares); Eng. Emilson de Magalhães (caixa d’água), Eng. Flávio Vitor Dias (execução geral da obra e fiscalização permanente) e Dr. Ubirajara Berocan Leite (administração)”. (O SOL, 1967: 4)

¹² A revista, iniciada em 1962, ainda hoje é publicada.



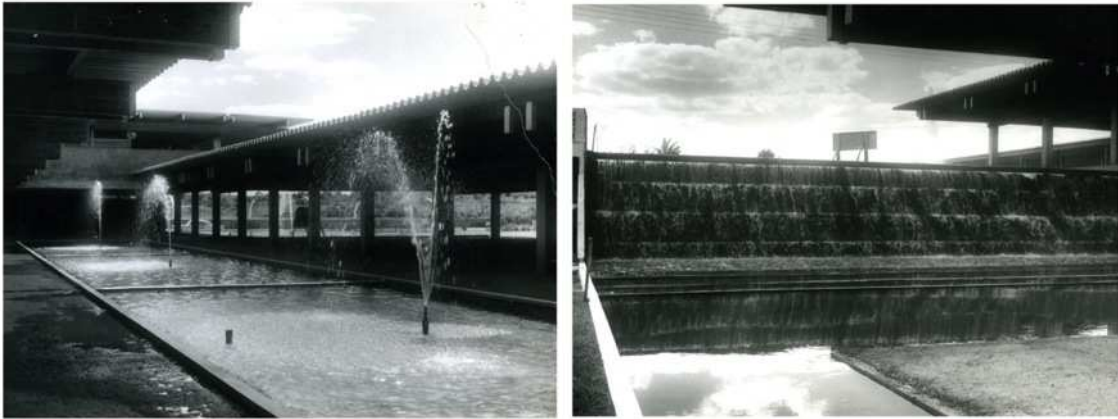
Fig. 6: Imagens de aéreas do Clube Jaó, na década de 1970, com as primeiras ruas do Setor Jaó abertas. Folha de um dos álbuns do acervo.

A documentação existente permite ricas análises e tem por mérito fugir da sistemática falta de referências documentais que o pesquisador brasileiro costuma enfrentar, tanto em órgãos públicos, quanto em organismos privados.¹³

As imagens que documentam o projeto do Clube Jaó demonstram que o arquiteto não foge do experimentalismo comum a suas obras, articulando os espaços funcionais por meio de uma malha complexa de elementos naturais e construídos: espelhos d'água, cascatas, platôs em desnível, pátios internos e jardins que se articulam no sentido de estabelecer ligações e conexões com a natureza do lugar, a partir do uso associado da madeira e do ferro; de soluções inventivas, envolvendo a captação da água das chuvas; da adoção de grandes vãos e da aposta em soluções leves para a cobertura, o que resulta em uma forte horizontalidade espacial. Neste projeto o arquiteto cria vários ambientes, que colocados em seqüência, configuram surpreendentes trajetos de sensibilidade a partir do uso aparente do tijolo, da madeira laminada e de pedras locais. A madeira, por sua vez não é utilizada apenas nos elementos estruturais da cobertura, mas também na vedação de ambientes, no revestimento de superfícies e no próprio mobiliário, que se conserva original ainda hoje. A capacidade plástica da madeira associada ao rigor de seu potencial geométrico, enquanto malha organizacional planimétrica, são explorados pela utilização de vigas de madeira laminada, cujo precedente encontramos em sua residência na Avenida Niemeyer, no Rio de Janeiro, construída entre 1960 e 1961.

¹³

Este material foi organizado pela arquiteta Andira Berocan, filha do idealizador do clube Ubirajara Berocan Leite, que formou-se na primeira turma da Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás, em 1972.



Figs.7 e 8: A cobertura acabada, os canais, espelhos d'água e cascatas, c.1966.

Por outro lado, encontramos uma judiciosa manipulação de diferentes materiais e a referência direta as possibilidades formais construtivas derivadas de arquiteturas pavilhonares, presença constante em diversos projetos de Bernardes desde o início de sua formação profissional no final da década de 1940.

Já na apresentação da maquete do anteprojeto, uma primeira análise global das imagens fotográficas apontam para algumas hipóteses. O partido adotado por Bernardes responde em primeiro lugar a morfologia do terreno, uma península de terra que avança no Rio Meia Ponte, nas proximidades da área de contenção da barragem do Jaó. Fica explícito no plano geral de implantação uma ação racionalista na organização espacial do programa e do terreno.



Fig. 9: Maquete do anteprojeto para o Clube de Regatas Jaó, Goiânia, 1962-3.

A distribuição funcional dos espaços recorre a uma geometria estritamente cartesiana, apoiada em um eixo linear, uma circulação coberta que atua como elemento que articula as diversas atividades funcionais do clube, sejam elas ao ar livre, sejam elas cobertas.

Este eixo linear de circulação, no caso do Clube Jaó, é reforçado formalmente pela presença paralela de canais de água, ambos atuam articulando e criando limites entre as partes edificadas e os diferentes espelhos d'água. A constante presença da água, dominada formalmente como canal, espelho d'água ou mesmo na presença e geometria das piscinas recreativas, qualifica e contrasta o edifício e a paisagem.



Figs. 10: Maquete do anteprojeto para o Clube de Regatas Jaó. Goiânia 1962-3 do Clube Jaó.

O projeto do Clube utiliza-se do valor expressivo da cobertura para qualificar e definir os limites entre edifício e paisagem. Nele Bernardes opta por uma estrutura mista, pilares de concreto armado e vigas de cobertura em madeira laminada, que suportam um sistema de telhas de cimento amianto desenhadas por ele. Estas telhas eram produzidas a partir de tubos de cimento amianto de 6,00m de comprimento, com dois diâmetros diferentes, cortados ao meio e utilizados de modo similar a técnica tradicional da "capa e canal", cobertura em telha de barro do período colonial brasileiro. Este sistema, original, desenho do próprio Bernardes, foi utilizado em diversos projetos deste período, como na sua residência da Avenida Niemeyer, construída um ano antes do Clube Jaó, e que também utilizava vigas de cobertura de madeira laminada. Estas vigas, fabricadas pela indústria LAMINARCO, foram trazidas de São Paulo e montadas no local. A estrutura, que demonstrava em alguns espaços um arrojado considerável, vencendo vãos livres de cerca de 20m, encontra-se ainda hoje em ótimas condições de preservação e funcionamento.

As imagens do projeto refletem uma influência que seria marcante na arquitetura brasileira moderna a partir do final dos anos 1950: a presença implícita de mecanismos da obra miesiana. Sua organização espacial é de uma geometria rigorosa, que se associa ao *baukunst*, quando sistematiza suas partes funcionais com aquelas estruturais, buscando a economia de elementos e meios construtivos.

No Clube Jaó, a madeira laminada é então utilizada como base de um sistema reticular que ordena e caracteriza as partes sociais do lugar, horizontalizando a presença de seus módulos edificados.



Figs. 11 e 12: Imagens da construção do Clube de Regatas Jaó, Goiânia, c.1963

Este sistema dá o ritmo e articula às diferentes funções de um programa extenso e variado, com a explícita intenção de estabelecer uma fluidez funcional e formal, marcar a continuidade entre espaços internos e externos. O contraste entre madeira (também presente nos forros e treliças de ventilação da cobertura), concreto aparente, tijolo à vista, vidro e paredes laminares revestidas de reboco chapiscado, estabelecia diálogos visuais com a rede de canais e espelhos d'água que a circundavam. A utilização "racional" dos materiais e painéis de fechamento indicam uma convergência conceitual, onde a idéia de planta livre é "comemorada" de forma explícita.

A obra, hoje, mantém a função primeira e conta ainda com a cuidadosa e elegante articulação do suas partes originais. Se sofreu acréscimos e alterações que indicam a passagem do tempo, após quase cinquenta anos de seu projeto, estas não prejudicaram a integridade conceitual e física do edifício. Por outro lado, toda a documentação existente, principalmente fotográfica, fornece um sem número de informações e possibilita um variado grau de interpretações e novas investigações que permitem dar suporte a futuras intervenções.¹⁴

¹⁴ OBS: Todas as imagens que ilustram o texto são oriundas do acervo do Clube Jaó e foram gentilmente cedidas pelo Setor de Comunicação.

4. Referências

- BEROCAN, Andiará. *Clube de Regatas Jaó*. Goiânia, s/d. Não Publicado.
- FILHO, M. F. L.; MACHADO, L. A. (Org.). *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Cênone Editorial, Ed. UCG, 2007.
- O SOL *Informativo do Clube de Regatas JAÓ*, Goiânia. O Sol, nº 1, nov. 1962.
- O SOL *Informativo do Clube de Regatas JAÓ*, Goiânia. O Sol, nº 24, ago. 1967.
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.
- SEGRE, Roberto. Sérgio Bernardes (1919-2002). Entre el regionalismo y el high tech (editorial). *Arquitextos*, São Paulo, 03.026, Vitruvius, jul 2002. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.026/764>>.